

RUA ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM

Lei nº 1102 de 22-04-1954

Formada pela rua 12 do Jardim Leonor

Início na rua Padre Leonel Franca

Término na rua Otoniel Mota

Jardim Leonor

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros.

ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM

Antero Augusto de Albuquerque Bloem nasceu em Campinas, em 07-fevereiro-1878 e faleceu no Rio de Janeiro, em 23-outubro-1919. Cêdo perdeu os pais, sendo obrigado a trabalhar para viver e sustentar a família. Depois de concluir os estudos primários e secundários em sua terra natal, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, por onde se bacharelou em 1904. Em 1909, foi admitido como taquígrafo do Congresso do Estado de São Paulo e, em 1918, passou a chefia desses serviços. Fez parte da redação de "O Estado de S. Paulo", ao lado de Julio de Mesquita e Euclides da Cunha e colaborou em vários outros órgãos da imprensa paulista. Em 1918, à convite do dr. Pádua Sales, Ministro da Agricultura, passou a desempenhar o alto cargo de chefe de seu gabinete. Quando no exercício do cargo de Diretor dos Patronatos Agrícolas, desse Ministério, no ano seguinte, veio a falecer. Mas Antero Bloem foi poeta. Dante Alighieri Vita, diz dêle: "Um soneto apenas, como foi o caso de Felix D'Avers, na França, basta, às vêzes, para consagrar um poeta. Pela pureza de sentimentos, pela elevação moral, pela perfeição da forma a Antero Bloem bastaria somente o soneto "O Cristo de Marfim" para sua completa consagração. Antero Bloem pertence à categoria daqueles que embelezam e enaltecem a alma humana com a nobreza de seus sentimentos puros, elevados. É dessas criaturas que afloram na vida impondo-se pela inteligência, pelo coração, pela constância e esforço na luta silenciosa de cada dia, de cada hora, deixando o exemplo de seu legado moral como estímulo de trabalho edificante".

RUA ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM

07-fevereiro-1878 - Nasce em Campinas, o jornalista e poeta Antero Bloem (Antero Augusto de Albuquerque Bloem), falecido no Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1919. Depois de concluir na terra natal os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde colou grau, em 1904. Fez parte da redação do jornal "O Estado de São Paulo" e colaborou em vários outros órgãos da imprensa paulista. Exerceu as funções de taquígrafo no Congresso do Estado e, em 1918, passou a chefiar os respectivos serviços. No ano seguinte, convidado pelo Ministro Pádua Sales, da pasta da Agricultura, chefiou o gabinete daquele titular. Nomeado em seguida, diretor dos Patronatos Agrícolas, faleceu pouco depois, aos 41 anos de idade.

"Sua produção literária - observa Ricardo Gumbleton Daunt - que não foi grande, em virtude da vida de intenso trabalho que sempre teve, não se acha recolhida em volume. Por desejo de Antero Bloem, era sua intenção publicá-la apenas depois de uma revisão, que não chegou a fazer."

Deu-lhe grande reputação como poeta o seu soneto intitulado "Cristo de Marfim", traduzido em vários idiomas e composto quando o autor contava somente 18 anos.

(Extraído da coluna "Efemérides", do jornal "Folha da Manhã", de São Paulo, do dia 7 de fevereiro de

RUA ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM

Nasceu em Campinas a 7 de fevereiro de 1878. Cedo fica orfão sendo obrigado a trabalhar para viver e sustentar a família.

Aos 17 anos, frequentava um curso, matriculando-se, aos 20, na Faculdade de Direito, bacharelando-se em Ciências Sociais e Jurídicas, em 1904.

Em 1909, foi admitido como taquígrafo do Congresso do Estado de S. Paulo. Colaborou para o jornal "O Estado de São Paulo", ao lado de Julio de Mesquita e Euclides da Cunha.

Em 1918/19, exerceu as funções de Chefe do Gabinete do Ministro da Agricultura, Dr. Pádua Sales. Como poeta, escreveu muito, tendo logrado êxito ao publicar, em 1896, a poesia "O Cristo de Marfim".

Morreu a 23 de outubro de 1919, no Rio de Janeiro, no exercício do cargo de Diretor dos Patronatos Agrícolas.

(Extraído de "Campinas - Dados Historicos e Estatísticos", de autoria de Alaor Malta Guimarães, e ditado em Campinas, em 1953).

RUA ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM

Um soneto apenas, como foi o caso de Felix D'Avers, na França, basta, às vezes, para consagrar um poeta.

Pela pureza de sentimentos, pela elevação moral, pela perfeição da forma a Antero Bloem bastaria somente o soneto "O Cristo de Marfim" para a sua completa consagração.

Antero Bloem pertence à categoria daqueles que embelezam e enaltecem a alma humana com a nobreza de seus sentimentos puros, elevados. É dessas criaturas que afloram na vida impindo-se pela inteligência, pelo coração, pela constância e esforço na luta silenciosa de cada dia, de cada hora, deixando o exemplo de seu legado moral como estímulo de trabalho edificante.

Aos 22 anos, consegue ser taquígrafo na secretaria do Senado Paulista e à noite trabalhava na redação de "O Estado de S. Paulo", dirigido pelo grande campineiro Julio de Mesquita, onde esteve também junto com Euclides da Cunha.

Conta Eduardo Camargo na "Revista do Arquivo Municipal", a seu respeito:

"Estava ele naquela idade romantica a que ninguém escapa, tinha namoradas.

Por uma delas demonstrava especial predileção. Moça, bonita, religiosa. E, como boa catolica, ia à missa aos domingos.

Lá costumava estar o Antero. Ia vê-las. A namorada costumava trazer ao pescoço um colarzinho de pérolas, tendo pendente um crucifixo pequenininho, mimoso, que ele ainda não havia notado.

Percebera-o naquele dia, naquele momento, quando a sua apaixonada, ao deixar a igreja, beijava o Cristo, num recolhido gesto de devoção cumprida.

O grande namorado tem ciúmes, inveja - inveja o Cristo! Depois se arrepende.

Vai para Casa, senta-se à mesa e ao correr da pena, de um só jato, em torno desse sentimento, compõe o soneto "O Cristo de Marfim" como que, para recriminar o seu sentimento profano de ciúme:

"Quando depões sôbre o teu Cristo amado
- Esse Cristo que pende de teu peito
Ungido de ternura e de respeito,
Um beijo de teu lábio imaculado.

Eu, sacrilego, sinto-me levado,
Ou seja por inveja ou por despeito,
A arrebatá-lo o Cristo de teu peito
É em teu peito morrer crucificado!

Mas quando vejo de teu lábio crente
Cair sôbre o Jesús a prece ardente,
Talvez por nosso amor, talvez por mim,

Ardo na chama intensa dos desejos,
De, arrependido, sufocar meus beijos
Nesse teu alvo Cristo de Marfim."

Mais que a maneira elegante e poética de expressão nesse arrependimento delicado, observe-se quanto respeito ao sentimento místico da amada!

Versos de uma delicadeza assim, de uma espiritualidade assim, só podem ser encontrados em um Alphonsus de Guimaraens ou comparados aos de um Antero de Quental, como neste soneto "A Virgem Santissima", ao revelar que:

"Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indivisível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade,
E, mais que piedade, de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma aventura
Feita só do perdão, só de ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!"

Este soneto de Antero de Quental foi citado por mim de propósito - o propósito de mostrar como entre os poetas há instantes de comunicação espiritual, instantes de afinidade moral e mística.

Os versos sobrevivem, ficam na alma miseriosa de todas as criaturas. Eles são, não raro, como a saudade, como a essência da alma humana. A flor morre, mas fica o perfume.

Modestamente, gostaria de objetivar a função do poeta, como este simile, que traz em si a força da homenagem a todos esses semeadores de beleza perene e anseios de perfeição no tempo e no espaço:

"Pétalas trituradas, lágrimas de flor
Dispersam-se ligeiras em ondear sutil,
Revivecem agora em sonhos de amor,
Alma já foram de rosa primaveril...

Martírio de flor transformado em messe
Que se torna esperança em céu de abril,
Da pobre flor na bonança tudo se esquece,
Da morte surge a vida em ansia febril.

Não raro, dos versos do poeta tal acontece,
Vivem os sentimentos de quem não existe,
A inspirar nossa alma que em ilusões frondece .

Se da flor o perfume o martírio consiste:
O verso é a essência do coração que padece,
Enquanto há quem até do poeta se esquece..."

"A Flor e o Poeta" é o nome do soneto. Os versos são, quase sempre, a rescendência de um afeto profundo que se grava no momento fugitivo das coisas com a marcada permanência.

De vida bastante interior, ensimesmado, embora não o demonstrasse à primeira vista, Antero Bloem tinha espírito leve e sensibilidade muito delicada.

Vida digna, vida intensa de nobreza e sentimento!

§

§

§

Antero Bloem nasceu em Campinas a 7 de fevereiro de 1878.

Cedo perde os pais, sendo obrigado a trabalhar para viver e sustentar a família. Aos 17 anos entra no Curso Anexo, aos 20 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo e aos 26 recebe o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

É um dos tantos filhos desta glória e tradicional terra das andorinhas que tem sido um oasis de inteligência e uma fonte de reservas morais da gente paulista.

Antero Bloem, cujos versos tanto enterneceram a alma bandeirante, faleceu no dia 23 de outubro de 1919.

Vida que se impôs pelo talento e sacrificio!

São Paulo de Piratininga, que nesta metade do século está vivendo o 4º centenário de sua fundação, evocando ao mesmo tempo o valor de todos os seus filhos diletos, que mais contribuíram pelas suas qualidades superiores para sua grandeza moral e material não faria a injustiça de deixar o nome de Antero Bloem, que já está ligado a uma nobre prole intelectual, fosse deslembrado nesta consagração de todos os valores paulistas!

(Extraído de "Poetas Paulistas" (Antero Bloem e o soneto "O Cristo de Marfim"), de autoria de Dante Alighieri Vita (Do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo), publicado no Suplemento Literário do "Correio Paulistano" de)



ANTERO BLOEM



ANTERO Bloem, cujo aniversário hoje transcorre, foi um desses poetas paulistas de precocidade típica e vi-

da breve, conforme sucedeu antes a tantos elementos da época romântica saídos das arcadas da velha Faculdade do Largo de São Francisco.

Nascido terras a dentro, como Gustavo Teixeira, ainda nos tempos de estudante teve grande notoriedade entre sua geração, pelo dom poético de que o famoso soneto "O Cristo de Marfim", é exemplo característico quanto à forma, ao tema romântico e limpidez da linguagem lírica.

Absorvido pelo jornalismo e pelas tarefas de taquígrafo do Congresso Estadual, solicitado por valores como Padua Sales para chefiar gabinetes e protocolos de secretarias e ministerios, Antero Bloem foi adiando a publicação de sua obra, baseando-se na necessidade de uma revisão, tornando-se marginal enquanto se sucediam e se renovavam tendências, escolas e movimentos.

Hoje que tudo isso se sedimenta numa totalidade de valores legítimos, cumpre lembrar a sua passagem pelos setores poéticos de São Paulo, do Brasil e do nosso idioma, como um lírico sensível e cheio de espontaneidade, que as novas gerações devem conhecer e estimar.

Espera-se, pois, que sua família e os editores lhe selecionem o acervo produzido desde a juventude em Campinas, até às horas de lazer no Patronato Agrícola, para que se propicie à historiografia literária brasileira anterior ao Movimento Modernista o completo conhecimento desse poeta autêntico.



LEI N.º 1102, DE 22 DE ABRIL DE 1954

DÁ O NOME DE "ANTERO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE BLOEM" A UMA RUA DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Antero Augusto de Albuquerque Bloem" a rua 12 do Jardim Leonor, que tem início na rua 4 e termina na rua 3.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 22 de abril de 1954.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 22 de abril de 1954.

O Diretor,
Admar Maia

js